

Apresentação

Noemi Jaffe

Em abril de 1945, cerca de um ano após ter sido presa pelos nazistas em sua cidade, Szenta, no interior da atual Sérvia, e de ter permanecido como prisioneira em Auschwitz e em Bergen-Belsen, minha mãe, Lili Jaffe — quando solteira, Lili Stern —, foi salva pela Cruz Vermelha e levada à Suécia. Em Malmö, onde ela permaneceu em quarentena junto com suas três primas, que estiveram com ela durante todo aquele período, ela escreveu um diário de guerra, em que procurou reproduzir os acontecimentos que lhe pareceram mais importantes: desde o momento em que ela, seu irmão e seus pais aguardavam a chegada dos alemães, numa manhã em Szenta, passando por diversas cidades, até a chegada a Auschwitz, as transferências de lá para outros campos e locais de trabalho e, finalmente, o dia da libertação. Mas, além do relato das experiências trágicas da guerra, algo que considero especial neste diário são as passagens posteriores à libertação: a chegada dos americanos, a recepção pelos dinamarqueses e suecos, a enorme quantidade de comida, a redescoberta da feminilidade, a preocupação com a beleza, os novos amores, a saudade de seus pais, a expectativa do retorno e de saber se mais alguém da sua família havia sobrevivido.

Decidi manter aspectos particulares da escrita de minha mãe no diário, para preservar a espontaneidade e a intensidade com que ele foi escrito, daí o uso peculiar, muitas vezes, das concordâncias de gênero e número. Sua intenção, na Suécia, foi a de relatar os acon-

tecimentos não como se eles tivessem sido escritos *a posteriori* — como de facto foram —, mas para dar a sensação de que eram narrados enquanto estavam sendo vividos. Isso seria impossível, já que caneta, lápis ou papel eram coisas impensáveis durante a guerra. Mas dessa escrita que (por ter sido feita depois) mistura depoimentos e memória derivam tempos verbais por vezes misturados, datas que avançam e retrocedem confusamente, algumas imprecisões. Escolhi preservar essas pequenas confusões, justamente para ser fiel ao que minha mãe vivia no momento em que tomou a decisão de escrever.

Escrever, para ela, nunca foi um hábito. Entretanto, ela insistiu em registrar os acontecimentos recentes, depois da experiência do campo de concentração, com desenvoltura e lirismo impressionantes. Quando, no processo de criação deste livro, perguntei a ela por que ela quis tanto escrever, ela me respondeu instantaneamente: “Para que você lesse!”

Eu sabia da existência desse diário desde minha adolescência, e ele se constituía como um mistério e um tesouro que eu, com certa inconsciência, não queria desvendar. Mas, já adulta, a pedido de uma amiga cineasta que se interessou pela história de minha mãe e por seu diário, insistimos, minhas irmãs e eu, para que minha mãe o traduzisse para o português. Depois de algumas tentativas fracassadas de publicação e de algumas reportagens rápidas com minha mãe, em que ela foi tratada como a “Anne Frank brasileira”, desistimos temporariamente.

Numa visita a Israel, onde mora minha irmã, as duas resolveram levar o diário para o Museu do Holocausto, *Yad Vashem*, e depositá-lo ali para conservação e consulta. Acontece que o próprio diário tem uma narrativa interna: como meu pai havia se apaixonado por minha mãe, em seu retorno à Sérvia em 1945, e estava de partida para a Hungria, com a certeza de que eles nunca mais se veriam, minha mãe ofereceu o diário a ele, como lembrança de sua amizade.

Já na Hungria, e de posse do diário, meu pai preencheu as páginas restantes do caderno com declarações de amor a ela e de conjecturas sobre a vida e a guerra. Mas, um ano mais tarde, “como quis o destino” (segundo diria minha mãe), ela precisou encontrá-lo na Hungria, para onde partiu atrás de documentação, que tinha se perdido

na antiga Jugoslávia. O resultado foi que eles acabaram se casando e vindo para o Brasil, com o diário na bagagem.

As funcionárias sérvias do Museu do Holocausto, ao ler o pequeno romance que se trava dentro deste caderno, ficaram ansiosas por saber qual tinha sido o desenlace daquela relação entre os dois jovens. Haviam se casado? Voltaram a se ver? Certas de que aquele diário se destacava entre os objetos do museu, elas entraram em contacto com a Fundação Spielberg e insistiram para que uma equipe filmasse minha mãe e sua história. E, quando souberam que os dois, meu pai e minha mãe, haviam se casado, festejaram eufóricas. Minha mãe foi efetivamente filmada por uma equipe sérvia da Fundação e hoje este filme está catalogado no museu destinado a coletar depoimentos de todos os sobreviventes da Segunda Guerra. O diário propriamente está depositado e conservado no Museu do Holocausto, em Jerusalém. Neste livro, optei por não publicar os trechos escritos por meu pai, porque eles são um apêndice ao diário, que é, na realidade, o enfoque desta publicação.

Em 2009, eu e minha filha Leda fomos para a Alemanha e para a Polónia, concluindo a viagem em Auschwitz, durante o inverno polaco, para conhecer o lugar onde minha mãe tinha sido prisioneira, para coletar informações e para sentir o que não sabíamos. Queríamos algo que nos escapava. Nossas reações foram praticamente opostas, como se conta aqui, mas ambas intensas e pregnantes.



Diário de Lili Jaffe (1944-1945)

Tradução do sérvio por Aleksandar Jovanović

*para as minhas filhas
Stela, Jany e Noemi,
que eu nunca sonhei que fosse ter.*



Szenta, 25 de abril de 1944¹

Todos à minha volta, assim como eu, estamos tristes. Sabemos o que está acontecendo e também o que acontecerá. Meu pai está sentado no sofá, durante a manhã toda, calado, fitando o nada. Por vezes, olha-nos e fecha os olhos tristes. Minha mãe nos consola: não acredita no mal, porém está arrumando as malas, faz doces e suspira fundo, sem que ninguém possa ver.

Meu irmão e eu observávamos e, sendo duas crianças, saímos para chorar. Ninguém nos conta nada, mas sabemos o que está acontecendo. Sabíamos que no dia seguinte, às oito horas, os alemães viriam nos buscar e nos arrancar de nosso lar.

Szenta, 26 de abril de 1944

Levantamos bem cedo. Tudo estava arrumado. Chegaram na hora certa! Eram sete.

Um deles se sentou junto à mesa e começou a escrever. O segundo olhou as nossas coisas e deu uma ordem:

— Estejam com suas tralhas prontas em cinco minutos. São coisas para duas semanas. Levem comida e saiam da casa!

Está chovendo. Estamos juntos. Nossa família junto com as outras famílias judias. Vão nos levar para a escola judaica. Duas mu-

lheres alemães nos revistam, um por um, à procura de joias. Estamos dormindo no chão.

Szenta, 27 de abril de 1944

Às quatro da manhã, escorraçam-nos de um modo pior do que animais são tratados. Chove sem parar. Lama até os joelhos. Mulheres velhas e crianças pequenas choram. Os alemães batem em todos e gritam:

— Judeus sujos!

Nossos pés colam na lama. Chegamos ao trem de carga com muita dor. Somos sessenta e cinco pessoas em cada cabine. Não sabemos para onde estão nos levando. Mamãe nos abraça e engole as lágrimas. Estamos viajando o dia todo e nem pensamos em comida. Dormimos sentados do jeito que estamos.

Szeged, 28 de abril de 1944²

Chegamos às onze horas com nossas bagagens nas costas, cansados. Andamos cinco quilômetros dentro da cidade. Horrível! Velhos e crianças choram, pedem ajuda. Em vão. Quem não andava, apanhava. Jogamos fora muitas coisas para o peso ficar mais leve. Chegamos, com muita dificuldade.

Colocaram-nos, sessenta, num só quarto e ordenaram:

— Vocês devem deixar o local limpo! Levantar às cinco e meia da manhã e dormir às dez da noite! Escolham alguém do grupo para ser responsável pela ordem. Queriam escolher mamãe. Ela não aceitou. Ficamos ali durante um mês. Comendo pó. Tínhamos ainda comida que havíamos trazido de casa.

Szeged, 19 de maio de 1944

Inesperadamente nos expulsam da escola à meia-noite. Está escuro, não enxergamos nada. Gritaria. Pedimos que acendessem as lu-

zes. Por sorte, conseguimos. Fora, esperava-nos uma carroça para carregar as nossas malas. Na estação de trem, tivemos de ficar numa fila. Dividiram os pacotes. Novamente dentro de vagões. Viajamos a noite inteira.

Baja, 20 de maio de 1944³

Chegamos pela manhã. Enfiaram-nos numa fábrica de móveis próxima à estação. Como éramos muitos, dividiram-nos em dois grupos. Metade ficou na fábrica. A outra metade, da qual fazíamos parte, acabou conduzida a um simples “chiqueiro”. Nós mesmos tivemos de limpar o lugar. Forraram o chão gelado com areia limpa. Ali ficamos por nove dias. Papai ficou muito doente, com febre alta. Minha velha mãe também se resfriou, ficou fraca. Mamãe se mostra forte, mas percebemos tudo. Ela nos olha o tempo todo e se esforça para tornar as coisas mais leves para todos nós. Diz que não lhe dói nada, não sente dificuldade alguma... Ela e papai suportariam juntos o dobro das coisas para que não sofrêssemos.

Baja, 28 de maio de 1944

Ainda ontem os húngaros ficaram à nossa volta. Hoje, pela manhã, já vi um alemão. Depois, eles eram mais e mais. Já não tínhamos medo. Estávamos prontos para o pior.

Tivemos de formar uma fila às nove horas. Os alemães fizeram uma contagem das pessoas. E nos levaram. Na mesma noite deixamos “nosso” chiqueiro e fomos conduzidos à estação. Setenta dentro de um vagão, com os pacotes, que foram atirados para dentro depois de termos entrado. Papai e mais alguém procuravam criar alguma ordem ali. Arrumaram os pacotes. Uma fileira em volta. Espaço no meio. Cada um pôde se sentar sobre as suas próprias coisas.

Viajamos durante seis dias. Sem água, sem comida. Papai tem febre o tempo todo. Mas se faz de forte. Mamãe nos consola, abraça-nos. Minha velha mãe chora. Doem-lhe as costas. Nem consegue ficar sentada mais.